

A entrevista com o inquieto Gutz tinha sido marcada no estúdio dele, o Música Para Meia Dúzia, no décimo nono andar de um prédio comercial da Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro. Da janela do estúdio, tem-se uma visão panorâmica da região, com o relógio da Central do Brasil à direita e o Corcovado na direção oposta. Embaixo, a praça cheia de gente e ônibus é cercada por teatros, sinucas e botequins. Gutz se atrasou, estava dando expediente como Guttemberg Neto, vendedor de soluções em telecomunicações de uma empresa que fica naquele mesmo prédio da Tiradentes. Apesar da jornada dupla, não parecia cansado e, muito menos, mal-humorado.

"A parada é a seguinte: já tem muita gente fazendo música boa no Brasil, eu estou fazendo as ruínas. É um trabalho feito com convicção, é ir até o final sabendo que está uma *merda*, mas tentar fazer a melhor *merda* possível. É tudo tosco, mal gravado, mal executado, mas é de coração. É como o Oswaldo Montenegro: é chato mas é de coração", inicia a conversa o artista, apresentando seu repertório de frases.

Gutz é um frasista. Seja em seu trabalho solo ou em seu projeto com a banda Seqüelândia, não abre mão das expressões de efeito, geralmente repletas de bom humor e sacanagem, que distanciam a crítica cheia de grooves, loops e samples. É o que ele chama de "música de protesto bem-humorada", presente por todo o CD homônimo do Seqüelândia. Um estilo em parte explicado pelos seguintes versos da faixa "Cada Bush tem o Bin Laden que merece", em que a banda valoriza o produto nacional: "Itaipava é melhor que Budweiser/ Algum repente é melhor que dubwise/ De Pernambuco é melhor que Lucky Strike/ Tim Maia é melhor que Barry White."

Na banda, Gutz ainda ganha o apoio de uma trupe não menos inspirada: Nelson Burgos, do grupo Nelson e os Gonçalves, João Aquino, dos Djangos, e o DJ Mohamed (ex-Farofa Carioca). "No Seqüelândia, o Mohamed não é DJ; é filósofo", diz Gutz. Na primeira faixa da bolacha, também chamada "Seqüelândia", eles puseram umas bases em cima de frases de Mohamed. Uma delas, que faz referência ao Rio de Janeiro, chama atenção: "Essa *porra* vai virar Colômbia: metade crente, metade traficante." Uma pergunta do repórter, sobre como surgiu isso, rendeu mais um discurso politizado do artista: "Essa frase é do Mohamed. Surgiu quando ficamos vendo a governadora Rosinha e o Garotinho de um lado e o tráfico dominando do outro. Dominando entre aspas, porque o tráfico não domina sozinho. Os senadores estão dominando juntos, os traficantes de armas..."

Até que para quem explicou que "seqüelândia", além de um estado de espírito, era a terra de seqüelados, que, por sua vez, eram as pessoas com lapsos de memória que esquecem o que estavam falando e os compromissos, o discurso é bastante coerente. Coerência que costura a atitude a um som que agrada

gente de peso. É o caso do DJ Maurício Valladares, um dos ícones do rock carioca, fã da primeira faixa do disco: "Seqüelândia" é um hit. Toco direto nas festas e na rádio (programa 'RoncaRonca')", revela, antes de voltar a elogiar Gutz: "Ele batalha *pra caramba*. Pena que é só um. Deveria haver uma porção de gente igual a ele."

Apenas um, mas inquieto o suficiente para não ficar parado nunca. No site www.musicaparamelaidezia.com.br, dá para se ter uma noção da produção. Lá, o internauta encontra músicas, vinhetas, o livro "Essa porra vai dar merda", artigos, letras e clipes. Tudo para ser baixado de graça, já que Gutz não acha que deve cobrar. Segundo ele, primeiro deve-se chegar na humildade e aproveitar a internet para conseguir o máximo de divulgação. Para ganhar grana, tem as festas, os shows, o estúdio, que compõem o que chama de "seqüela-autosustentável". Quando o dinheiro não é suficiente, entra a renda do vendedor de soluções em telecomunicações.

"O Gutz é um cara bem aberto a expressões de todos os tipos: musicais, poéticas, performáticas, teatrais... O trabalho dele dialoga bem com essas expressões. O mais importante nele é a atitude, é o conceito do trabalho, o modo como ele percebe a sociedade de consumo massacrante em que a gente vive. É muito legal o negócio dele de música para meia dúzia, a forma como ele abre o estúdio...", elogia o poeta e agitador cultural Chacal, que já passou suas horinhas no estúdio levando um som.

SACANAGEM É O LEMA

"Entrei na *onda* de fazer pornofunk, pornosertanejo, porno-que-for. Sempre tem que ter sacanagem. Pode ser rock'n'roll, pode ser *groove*, pode ser com uma porrada de mulheres dançando para que *nego* possa rir. Acho que o pornô é uma coisa que ajuda a pessoa a rir", revela Gutz. E assim surgiram o "Funk da Daspu" e "Uai, uai, oral, vaginal e anal!". A primeira veio de uma conversa de bar com os amigos Fábio Gimene e Artur Kjá. Aquela velha história de fulano falar uma frase e cicrano completar. Algo como "a Daspu é uma puta parada", e o outro emendou: "A Daspu é uma *puta* parada porque a Daspu é uma parada de *puta*". Se a ficha ainda não caiu, Daspu é a marca de roupas da ONG Davida, que promove a cidadania das prostitutas.

As moças da Daspu gostaram. No desfile que fizeram na Rua Augusta, em São Paulo, usaram o funk de Gutz como trilha sonora, sem falar que a música também está sendo usada na página da marca na internet (www.daspu.com.br). Do desfile para uma coletânea de funk que vai ser distribuída pela Distribuidora Independente, da Trama, foi um pulo. São os tentáculos de Gutz chegando à Terra da Garoa.

Com tantos elogios, fica difícil acreditar que ele ache o próprio trabalho ruim. Gutz, você acha ruim mesmo? "É mais ou menos,